
RESENHA DO LIVRO “DA FOME À FOME: DIÁLOGOS COM JOSUÉ DE CASTRO”

CAMPELLO, T; BORTOLETTO, A.P. (org). **Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro**. São Paulo: Cátedra Josué de Castro; Zabelê Comunicação; Editora Elefante, 2022.

Frazier Meliano Nestor¹

<http://lattes.cnpq.br/4288460348607929>

<https://orcid.org/0009-0005-5603-0406>

A obra *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*, organizada por Tereza Campello e Ana Paula Bortoletto, pesquisadoras de referência no campo da segurança alimentar e nutricional revisita o pensamento de Josué de Castro e reafirma sua atualidade diante do retorno acelerado da fome no Brasil. A trajetória das organizadoras, que combinam produção acadêmica robusta, experiência de gestão pública e atuação direta na formulação de políticas sociais, confere densidade teórica, rigor metodológico e credibilidade ao conjunto da obra.

O livro é dividido em 5 partes, apresenta contribuições de pesquisadores, ativistas, gestores e representantes de movimentos sociais, compondo um diagnóstico crítico sobre os sistemas alimentares e as desigualdades estruturais que sustentam a fome no país. Ao mesmo tempo, atualiza o legado teórico-metodológico de Josué de Castro e o vincula às transformações contemporâneas, reconstruindo o que os autores denominam uma “nova geografia da fome”.

O texto se inicia com um relato sensível de Anna Maria de Castro, filha do autor, que recupera elementos biográficos essenciais e destaca como Josué compreendia a fome não apenas como carência fisiológica, mas sobretudo como expressão social e política. Essa dimensão é aprofundada no capítulo de Renato Carvalheira, que apresenta as “sete chaves de leitura” do pensamento de Josué visão multidisciplinar, ou seja, para compreender a fome isso requer estudos mais aprofundados, como a fisiologia da nutrição, as características físicas e

¹Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ. E-mail: nestorfrazier1@gmail.com.

morais dos habitantes dessa região, a sua evolução demográfica, a sua capacidade e resistência orgânica. Ademais, geografia como método, relação entre fome e subdesenvolvimento, ou seja, a fome é resultado do subdesenvolvimento, importância dos determinantes ambientais, papel das ciências engajadas, entre outros. Seu argumento central é que Josué elaborou uma abordagem integrada que continua imprescindível para interpretar o Brasil contemporâneo.

Os capítulos seguintes recuperam o contexto histórico que moldou a problemática da fome no Brasil, destacando o peso da agroexportação, a urbanização acelerada, a concentração fundiária e a ausência de reformas estruturantes, especialmente a reforma agrária. Reconstroem também o percurso político de Josué, médico, professor, intelectual público, deputado e diplomata reafirmando a defesa de que a fome é um problema político produzido por escolhas econômicas deliberadas, e não uma fatalidade natural.

Ao tratar da conjuntura recente, a obra evidencia mudanças profundas nos padrões alimentares brasileiros. Estudos do IBGE, do Nupens/USP e de outras instituições mostram queda no consumo de alimentos in natura e aumento expressivo dos ultraprocessados, revelando a força da indústria de alimentos e do agronegócio empresarial na reorganização da dieta nacional. Esse processo tem consequências diretas sobre a saúde da população e impactos ambientais significativos, como o aumento do desmatamento, a expansão da fronteira agrícola e a crescente pressão sobre biomas sensíveis.

A análise demonstra que a fome contemporânea no Brasil tem marca social e racial bem definida. Os níveis mais elevados de insegurança alimentar se concentram em domicílios chefiados por mulheres, especialmente mulheres negras, com baixa renda e residentes em periferias urbanas ou áreas rurais marginalizadas. Essa constatação reforça que a fome é interseccionada por desigualdades de classe, gênero, raça e território. Nesse sentido, os autores ressaltam que políticas públicas como o Bolsa Família, a valorização do salário mínimo, o PAA, o PNAE e a atuação do Consea foram determinantes para a redução da fome entre 2003 e 2014. A interrupção dessas políticas e o desmonte institucional ocorrido entre 2016 e 2020 são apontados como fatores centrais para o rápido retorno do Brasil ao Mapa da Fome.

Um dos pontos mais críticos da obra é a discussão sobre o modelo agroexportador. Embora o Brasil seja um dos maiores produtores e exportadores de commodities agrícolas, o país convive com aumento da fome e com a redução da diversidade produtiva dos pequenos estabelecimentos rurais. O modelo baseado em monoculturas, financeirização da terra, concentração fundiária e dependência tecnológica gera riqueza altamente concentrada, ao mesmo tempo em que promove degradação ambiental, expulsão de comunidades rurais e

enfraquecimento da autonomia alimentar. A análise, sustentada por dados do IBGE, PRODES e outras fontes, evidencia que a expansão territorial da soja, do milho e da pecuária está intimamente associada à perda de biomas, ao avanço sobre territórios tradicionais e ao agravamento da crise climática.

Outro aspecto relevante é a crítica à estrutura de abastecimento alimentar no Brasil, marcada pela forte concentração das grandes redes varejistas. Essa estrutura produz “desertos alimentares”, restringe o acesso a alimentos saudáveis e reforça desigualdades socioespaciais. A ausência de políticas públicas estruturadas, capazes de regular preços, ampliar circuitos curtos de comercialização e garantir abastecimento em territórios vulneráveis, é interpretada como uma fragilidade histórica do Estado brasileiro.

Nos capítulos finais, a obra articula a fome com as crises climáticas, a destruição ambiental e o racismo ambiental. Mostra como comunidades quilombolas, ribeirinhas e povos tradicionais estão entre os mais afetados pela contaminação, pelo avanço do agronegócio e pela flexibilização da legislação ambiental. Ademais, o autor Selma dos Santos Dealdina nas páginas 210-211 relata os papéis e lutas da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) na preservação dos territoriais quilombolas. Nesse contexto, a agroecologia é apresentada não como alternativa marginal, mas como projeto estruturante, capaz de fortalecer economias locais, proteger territórios e ampliar a soberania e a segurança alimentar.

Este livro traz uma importante contribuição para o mundo acadêmico e para a pesquisa científica. Com base em argumentos sólidos sobre a contextualização da fome, os autores apresentam de forma clara e detalhada as circunstâncias e características da pesquisa científica sobre a questão da fome, da pobreza e das desigualdades existenciais no Brasil, levando-nos a compreender as ideias fundamentais que estão na origem dessas problemáticas, apesar do potencial econômico do Brasil no mundo.

No conjunto, *Da fome à fome* se consolida como obra fundamental para compreender a persistência da fome no Brasil e seus determinantes estruturais. A reflexão central do livro converge com a crítica clássica de Amartya Sen, segundo a qual a fome não decorre primordialmente da escassez absoluta de alimentos, mas de restrições no acesso, nas liberdades substantivas e nas capacidades das pessoas. Tal como Sen argumenta em *Poverty and Famines*, nenhuma grande fome moderna ocorreu em democracias com mecanismos de participação social e políticas ativas de proteção. O livro demonstra que o Brasil repete esse padrão: a fome cresce exatamente quando se desmontam instituições democráticas de controle social como o

Consea e quando o Estado retira sua ação redistributiva. Para isso, recomendo este livro a estudantes universitários, especialmente para os programas de pós-graduação especialmente em Desenvolvimento Rural e segurança alimentar, Relações Internacionais e pesquisadores nas áreas de ciências sociais, para quem trabalha no tema seguinte: fome, pobreza, desigualdade e insegurança alimentar para compreender essas dinâmicas.